

Umbach, R. Configurações de história e memória em *Was bleibt* e *Leibhaftig*

Configurações de história e memória em *Was bleibt* e *Leibhaftig*

History and Memory Configurations in *Was bleibt* and *Leibhaftig*

Rosani U. K. Umbach¹

Abstract: The purpose of this paper is to analyze the configurations of history and memory in some works of Christa Wolf, relating these with the historical period that culminated with the downfall of the Berliner Wall in 1989 and with the end of the socialist regime in the former German Democratic Republic. Taking into account Aleida Assmann's studies on culture of memories, we intend to verify aspects related to the limits and functions of memory in some works of Christa Wolf, among them *Was bleibt* and *Leibhaftig*.

Keywords: Christa Wolf; *Was bleibt*; *Leibhaftig*; history; memory.

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar as configurações de história e memória em obras de Christa Wolf, relacionando-as com o período histórico que culminou com a queda do Muro de Berlim em 1989 e conseqüentemente com o fim do regime socialista na República Democrática Alemã (RDA). Levando em consideração os estudos sobre cultura da memória realizados por Aleida Assmann, pretende-se verificar aspectos concernentes aos limites e funções da memória em algumas obras de Christa Wolf, entre as quais *Was bleibt* e *Leibhaftig*.

Palavras-chave: Christa Wolf; *Was bleibt*; *Leibhaftig*; história; memória.

¹ Professora associada da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Santa Maria/RS, Brasil. Pesquisadora do CNPq (Bolsa Produtividade e Pesquisa- Nível 2), pós-doutorado realizado na Eberhard-Karls-Universität Tübingen, Alemanha. Email: rosani.umbach@gmail.com

1. A escrita como imortalização da memória

Aleida ASSMANN (2003: 181) afirma que a escrita era vista, no antigo Egito, como o meio mais seguro de conservação da memória. Aos egípcios, que olhavam para seu passado cultural de mais de mil anos, não teria passado despercebido que “suas construções colossais e seus monumentos podiam estar em ruínas, mas que os textos nos papiros daquela época continuavam a ser copiados, lidos e estudados”. Teriam concluído, então, que a escrita era o meio mais eficiente “contra a segunda morte, a morte social, o esquecimento”. Essa descoberta fez com que emergisse “uma nova elite, a dos poucos detentores da escrita, os literatos”, os quais notaram que dessa forma “podiam assegurar sua imortalidade, independentemente da política de memória idealizada pelo faraó e monopolizada pelo estado”.

Entretanto, a escrita não era considerada apenas um meio de imortalização, mas funcionava também como suporte da memória; era, ao mesmo tempo, veículo e metáfora da memória, como bem sintetiza ASSMANN (2003: 184). Embora o processo de escritura e registro constitua “a metáfora mais antiga da memória e também a que se estendeu por toda a história dos meios de comunicação, mantendo-se a mais atual”, a escrita também foi vista como seu oposto, como destruidora da memória, a qual, uma vez externalizada e fixada pela escrita, não necessitava mais ser ativada, operacionalizada. Ao perder sua função, a memória corria o risco da debilitação.

Conceber a escrita como uma força conservadora da memória pressupõe a ideia de que ambas, memória e escrita, são inseparáveis. Porém, já na Renascença, os filólogos se deram conta de que a escrita também é passível de fraudes e falsificações, quando conteúdos são intencionalmente modificados, a fim de enaltecer determinados eventos ou apagar fatos desabonadores das biografias de pessoas ilustres. Passou-se, então, a prestar mais atenção às imagens, aos vestígios, aos locais da memória.

Independentemente das controvérsias que, ao longo da história cultural, estiveram na base da concorrência entre textos, imagens e resíduos como veículos da memória², o certo é que esses veículos continuaram lado a lado estabelecendo relações com o passado.

² Aleida Assmann apresenta um histórico sobre as formas de narração da memória privilegiadas em diferentes épocas (2003, sobretudo p. 179-213).

Em tempos de mídia eletrônica, o acesso e a referência ao passado não são uniformes, e cresce a conscientização a respeito da fragilidade da memória e da complexa inter-relação entre lembrar e esquecer. Daí resulta a importância de se atentar para os diversos veículos da memória, tanto para a escrita como para as imagens e os vestígios que, ao serem considerados em conjunto pelos estudiosos, dão uma dimensão mais completa daquilo que se apresenta como passado no imaginário das pessoas.

2. A cultura da memória como transmissão de experiências

A memória, tanto em sua dimensão individual como coletiva, constitui uma das vertentes mais densas da literatura. Se, para muitos escritores, escrever é recordar, a memória tem uma importância central em narrativas memorialísticas. E, no processo da escrita de memórias, misturam-se elementos constitutivos da narrativa. Porém, em se tratando de memórias relacionadas a experiências de repressão, especialmente em casos de testemunhos, é indispensável observar a fronteira a partir da qual a narrativa se torna ficção³. Ao procurar esboçar memórias alternativas e transmitir sua experiência de vida, o memorialista deve preservar a diferença essencial entre memórias como afirmações verdadeiras e meros produtos da fantasia artística. Isso também vale para o testemunho, o qual, nas palavras de SELIGMANN-SILVA, “aporta uma ética da escritura” (2005: 85).

Memórias da repressão, como os termos sugerem, estão intrinsecamente associadas a experiências individuais de violência. E estão ligadas também à memória coletiva, localizando-se na transição entre literatura, cultura e história. Não é o caso, entretanto, de se fazer aqui um estudo histórico sobre períodos de repressão, e sim, de verificar como ocorre a recepção posterior de tais períodos, isto é, de que forma eles são rememorados individualmente e reconhecidos como experiência coletiva ou, ao contrário, submetidos a tentativas de apagamento.

³ O caso Benjamin Wilkomirski tornou-se um exemplo conhecido de transgressão dessa fronteira na Europa. Ao publicar com nome falso um livro como sendo de memórias de um sobrevivente de Auschwitz, seu autor real, Bruno Doessekker, que só conhece o mencionado campo de concentração como turista, ultrapassou o limite entre memória autobiográfica e ficção. Sobre o assunto, além de uma vasta bibliografia em língua alemã, encontra-se publicado no Brasil o ensaio de Márcio SELIGMANN-SILVA (1998).

Convém salientar que neste trabalho se parte do pressuposto de que a memória não existe sem uma base orgânica e uma experiência própria, o que, entretanto, corresponde a apenas uma das três acepções dicionarizadas do termo ‘memória’ apontadas por BEHAR (2006: 61) em seu ensaio “Os naufrágios da memória”: por um lado, a que designa “a faculdade psíquica por meio da qual se retém e recorda o passado”. Além dessa, o termo designa, também, “o escrito, a dissertação escrita sobre qualquer matéria que se trate de expor” e ainda “com marca de plural, o livro em que o autor diz narrar sua própria vida ou acontecimentos dela”. Por outro lado, em termos de teoria da literatura e no âmbito do gênero memorialístico, considera-se a memória também como ficção, podendo ser simulada, encenada, representada, sem que ocorra uma autêntica rememoração por parte do sujeito que narra.

Essa perspectiva de gênero insere-se em uma corrente de estudos que concebe a memória como “ars” (arte) e não como “vis” (força). De acordo com essa distinção elaborada por Aleida ASSMANN (2003: 18), “ars” corresponde à função de armazenagem da memória e pode ser associada à arte, enquanto “vis” diz respeito à rememoração, estando ligada a uma força própria, ao vigor. Trata-se do paradigma da memória como geradora de identidade. Essa divisão das funções da memória evidenciaria, também, duas tradições discursivas mais ou menos independentes: de um lado, a tradição já bem conhecida da mnemotécnica, que remonta à retórica romana e a Cícero, de outro lado, a tradição psicológica, que leva em conta os estudos de Aristóteles em “De memória e reminiscência” e identifica a memória como uma das três faculdades psíquicas (ao lado da fantasia e da razão). Enquanto a primeira tradição discursiva teria como objetivo a organização e a ordenação criativa do conhecimento, a segunda trataria primordialmente da interação da memória com a imaginação e a razão, girando em torno da relação entre memória e identidade e englobando a dimensão temporal no processo de rememoração.

Diferentemente do paradigma da memória como “ars” – arte, processo ou técnica de armazenamento – ,de acordo com o qual deve haver uma correspondência entre aquilo que foi depositado e o que será retirado, o paradigma “vis” refere-se a conteúdos da memória, a lembranças relacionadas às experiências pessoais. Neste último caso, a rememoração aconteceria de forma reconstrutiva, partindo sempre do presente. Dessa forma, segundo ASSMANN (2003: 29), ocorrem “necessariamente modificações, deformações, deturpações, revalorizações e reiterações daquilo que é lembrado na hora da rememoração”, pois “no intervalo de sua latência, as lembranças ficam expostas a um processo de transformação”,

Umbach, R. Configurações de história e memória em *Was bleibt e Leibhaftig*

sendo “inerente ao processo do rememorar que lembrança e esquecimento sempre ficam inseparavelmente engrenados” (idem: 30)⁴. Já por esse motivo, é impossível estabelecer a correspondência entre as experiências vivenciadas e a sua narração: os conteúdos da memória são ajustados e transformados.

Esse problema da autenticidade das lembranças é apontado por muitos escritores. Christa WOLF, por exemplo, que realizou estudos literários antes de se tornar escritora, expressou o ceticismo em relação à sua memória em *Kindheitsmuster*, de 1976, obra de cunho autobiográfico em que a narradora descreve episódios de sua infância e adolescência. Seu ceticismo refere-se à lacuna intransponível entre a experiência, a memória e a escrita: „O sentido duplo do termo ‘mediar’: ao escrever, mediar entre o presente e o passado, colocar-se no meio. Isso significa: reconciliar? Suavizar? Polir? Ou: aproximar um do outro? Possibilitar à pessoa atual o encontro com aquela do passado por meio de frases escritas?“ (WOLF 1979: 222)⁵

O processo de escritura das lembranças sempre significa também transformações, deslocamentos, modificações, tanto que BEHAR (2006: 61) sintetiza: “Um vetusto expediente dialético dá conta, desde a Antiguidade, das ambivalências da escritura que tanto preserva a memória como a depreda.” O ato de escrever as memórias, que, por um lado, pode ser considerado uma forma de mantê-las vivas, por outro lado, também pode ser entendido como um perigo ou uma ameaça. A consciência em relação a essa ambivalência acompanha o trabalho de rememoração de Christa Wolf com reflexões sobre as possibilidades e limites da representação literária:

No caso ideal, as estruturas da experiência deveriam corresponder às estruturas da narração. Essa seria a ambição: exatidão fantástica. Mas não existe a técnica que permitiria transpor para a linguagem linear um entrelaçamento incrivelmente reticulado, cujos fios estão enredados de acordo com as leis mais rígidas, sem lesá-lo seriamente. Falar em níveis que se sobrepõem – ‘níveis da narrativa’ – significa tomar um desvio por denominações imprecisas e falsificar o verdadeiro processo. O verdadeiro processo, ‘a vida’ – desde sempre já seguiu adiante; capturá-la no seu último estado permanece um desejo insaciável, talvez impermissível. (WOLF 1979: 365-366)

⁴ A questão da memória relacionada com a autobiografia também é discutida sob o ponto de vista da psicologia narrativa por John KOTRE (1996), entre outros.

⁵ Tradução sob minha responsabilidade. As demais citações de textos da escritora também foram traduzidas por mim.

A discrepância entre a experiência vivida e a expressão escrita suscita questões fundamentais que tangem a autenticidade e a veracidade das lembranças, evidenciando, ao mesmo tempo, a perspectiva singular, inconfundível da memória relacionada à experiência individual.

Embora sejam intrinsecamente associadas à experiência individual, as lembranças são constituídas nas relações sociais. E, conforme ressalta Loiva FÉLIX (2004: 40), “A memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade, já que seu suporte é o grupo social.”

3. Memórias da repressão em *Was bleibt*

A queda do Muro de Berlim em nove de novembro de 1989, a extinção da República Democrática Alemã (RDA) e a reunificação da Alemanha representaram, para alguns escritores da RDA, o fim de uma ditadura e, ao mesmo tempo, o fim de uma utopia. Christa WOLF (1990: 118), por exemplo, manifestou, ainda no final de outubro de 1989, a esperança de estar envolvida em um “processo de emancipação após longo silêncio”. O “silêncio”, uma alusão à repressão política e à censura instalada no regime ditatorial em que se transformara a Alemanha Oriental, finalmente estava sendo superada pela voz dos manifestantes que gritavam nas ruas o slogan: “Wir sind das Volk!” [Nós somos o povo!]. É verdade que o “processo de emancipação” imaginado pela escritora referia-se a reformas urgentes, que, segundo sua perspectiva, deveriam ocorrer no interior do regime político da RDA. Com a queda deste e a conseqüente reunificação da Alemanha, a esperança no “processo de emancipação” acabou. O fim da RDA representou, para Christa WOLF (1994: 333-335) e outros autores representativos do país, além do fim da utopia, o da esperança em uma Alemanha Oriental que pudesse manter seu próprio “repertório de valores”, sem ter de se submeter à “economia de mercado” ocidental com sua “tendência para a colonização”.

Esse, entretanto, é apenas um dos aspectos aos quais Christa Wolf associa o “processo de emancipação”. Ele também significa a reflexão sobre seu próprio envolvimento com o sistema de repressão da RDA⁶, sobre o qual ela escreveu diversos textos a partir de 1976. Em

⁶ Cf. LAUCKNER (1993), que em seu artigo mostra os diversos significados do termo “emancipação” encontrados nas falas e textos de Christa Wolf no período de transição de 1989-90.

Was bleibt, de 1990, Wolf transformou a espionagem, tema considerado tabu até então, em argumento central do livro.

Foi exatamente esse livro que ocasionou uma crítica maciça nos meios de comunicação. Embora o manuscrito já tivesse sido concebido na década anterior, a escritora não o publicara na RDA – possivelmente teria sido censurado. O fato de tê-lo feito logo após a queda do regime pareceu oportunista a alguns críticos, que consideraram inapropriada essa “escrita do eu” como vítima da espionagem de um estado em extinção. Entretanto, em *Kassandra*, novela publicada dez anos antes, Christa Wolf já havia tratado, mesmo que de forma alegórica, de questões como a intimidação causada pelo estado repressor.

Apesar das críticas, que se tornaram ainda mais contundentes com a revelação, em 1993, de que a autora havia sido informante do serviço secreto entre os anos de 1958 a 1962, no início de sua carreira, *Was bleibt* tem o mérito de encenar memórias do cotidiano de uma escritora sob um regime ditatorial e, mais do que isso, de mostrar os efeitos da espionagem sobre a vítima. Embora seja apresentada como novela, portanto, como ficção, o caráter autobiográfico da obra é evidenciado já na orelha do livro:

No final dos anos 70, um carro com três homens jovens ficou parado por semanas em frente à casa na Rua Friedrich em Berlim, na qual a autora e seu marido moravam então. Naquela época, no verão de 1979, Christa Wolf escreveu a novela *Was bleibt*, que ela publica aqui, numa versão revista, pela primeira vez: apontamentos sobre um dia na vida de uma mulher espionada pelos agentes da segurança do estado. (WOLF 1990)

De forma semelhante a um diário, no qual são anotadas impressões e acontecimentos da vida cotidiana, a novela traz reflexões de uma mulher que acredita estar sendo observada por “três homens jovens” (WOLF 1990: 15). Essa narradora-personagem, uma escritora residente em Berlim, exprime dúvidas, tece comentários, fala sobre seus medos. Entre as medidas de proteção que toma para evitar que suas conversas em casa sejam ouvidas pelos agentes, está a de tirar o telefone da tomada ou aumentar o volume do rádio. Na rua, toma cuidado para não ser seguida. Mas se assusta ao encontrar vestígios de gente estranha na própria casa e vê com angústia que suas cartas são sistematicamente violadas, evidenciando a espionagem.

Afora os sentimentos de inquietude, angústia e insegurança, aliados à insônia e pesadelos, sintomas apontados como efeitos da espionagem sobre a personagem-narradora, o que mais a aflige é o silêncio imposto a quem escreve e é submetido à censura e à vigilância

ostensiva pelos órgãos repressores. Essa vigilância gera intimidação e medo. A sujeição pelo medo impede-a de se articular, de escrever.

Escrever, porém, não é apenas sua atividade profissional, constitui também uma forma de atuação social e política⁷. Além do mais, a narradora usufrui de privilégios concedidos pelo estado: “Todos os dias eu me dizia que uma vida favorecida como a minha só se justificaria pela tentativa de ultrapassar, vez por outra, os limites do que pode ser dito, tendo em mente o fato de que violações de limites de qualquer tipo são castigadas.” (WOLF 1990: 22) Censurada em sua escrita e bloqueada pelo medo, pela ameaça de violência, a narradora fica à mercê de um estado repressor que não admite oposição a seus dogmas. Essa situação paradoxal faz com que perca a esperança. Em última instância, é a perda da utopia e a dor por essa perda que geram sua melancolia.

Como a maioria das obras de Christa Wolf, esta narrativa também apresenta, em seu início, a motivação da narradora para escrever um livro: pretende fixar através da escrita aqueles dias nos quais está sendo espionada, a fim de se lembrar deles um dia, quando for idosa. “Eu queria saber – era uma manhã de março, fria, cinzenta, já não mais tão cedo – como eu iria recordar-me, daqui a dez, vinte anos, desse dia ainda novo, ainda não encerrado.” (WOLF 1990: 7) O conhecido motivo da escrita como imortalização da memória é retomado logo adiante e reforçado com o sentimento de medo diante da possível perda que “a torrente do esquecimento” representa: “Com evidente medo, em pânico, eu queria me agarrar agora a um desses dias consagrados ao ocaso e fixá-lo, independentemente do que eu conseguisse exprimir, de ele ser banal ou transcendente, e de ele ocorrer rapidamente ou resistir até o fim.” (WOLF 1990: 9-10) A ideia de que aqueles “dias áridos” devam ser preservados através da escrita para que não sejam levados pelo esquecimento encontra eco no título *Was bleibt* [O que permanece] e igualmente no trecho final da novela:

Um dia, pensei, vou poder falar, bem leve e livre. Ainda é muito cedo, mas não é sempre muito cedo. Eu não deveria simplesmente me sentar a esta mesa, embaixo deste abajur, posicionar o papel, pegar a caneta e começar. O que permanece. Aquilo que está na base da minha cidade e pelo qual ela afunda. Que não existe desgraça maior do que não viver. E no fim não existe desespero maior do que não ter vivido. (WOLF 1990: 107-8)

⁷ Em virtude da inexistência de imprensa livre na RDA, os leitores procuravam orientação e até mesmo auto-ajuda nos livros daqueles autores que ousassem tratar de temas considerados tabu, isto é, oficialmente indesejados. Stefan Heym e Christa Wolf, por exemplo, pertenciam a esse grupo de escritores, conforme o historiador Stefan WOLLE (1998: 246).

Tanto o título como o fim da narrativa apontam na direção da permanência, do futuro, daquilo que vale ser preservado: no caso da narradora-personagem, “viver” e escrever contra o esquecimento. O período sombrio da ditadura, com seus dias frios e cinzentos como aquele registrado em seus “apontamentos”, deve, na visão da narradora, ser passível de rememoração no futuro. Preservar a memória seria, portanto, a sua função.

Essa ideia que associa o escritor ao memorialista condiz com as palavras de ADORNO (1991: 113), quando se refere à “legitimação do poeta como a da pessoa que recorda”, considerando ainda que em Hölderlin isso parece “valer igualmente para o oprimido ao qual se deve manter fiel”.

Pelo exposto acima, a novela de Christa Wolf traz, através de sua narradora-personagem, argumentos em prol de uma “cultura da memória”, nos termos de ASSMANN (2006), ao tematizar as sombras do passado na RDA. O mesmo ocorre em outra novela publicada pela autora em 2002, *Leibhaftig*.

4. O inconsciente e a memória em *Leibhaftig*

Em *Leibhaftig*, a narradora-personagem, uma escritora de Berlim Oriental, rememora suas experiências relacionadas ao período sombrio do passado e ao colapso das instituições do regime. Esse rememorar constitui uma forma de superação do próprio colapso físico, corporal (*leibhaftig*) sofrido por ela ao ser tomado por um sintoma de doença infecciosa muito grave, em consequência de uma apendicite. Encontrando-se hospitalizada e sob os cuidados de uma equipe médica que tenta salvar-lhe a vida, a personagem mergulha no inconsciente e na memória, trazendo à tona reflexões e experiências relacionadas ao conflito entre indivíduo e sociedade repressora. Narrada em tempo presente, a ação se desenrola nos meses finais da RDA, antes da queda do Muro de Berlim, em 1989.

O fio condutor da narrativa é constituído pelo relato da rotina hospitalar durante a internação da protagonista, que registra minuciosamente os estágios de sua doença e as diversas cirurgias às quais se submete. Nesse fio condutor são inseridas memórias de acontecimentos ocorridos em um passado não muito distante, além da descrição de estados de semiconsciência e de delírio provocado pela febre alta, que aludem à situação social e política da RDA, associada ao colapso e a um conseqüente caos:

De repente estamos sentadas nos degraus que conduzem ao Palácio da República. Também ele um monte de pedras, penso eu, cimento e vidro, construído para afundar. Talvez por isso nesta noite ele é o lugar mais autêntico nesta cidade que está afundando. Metrópolis. Metrópole do poder. Metrópole de dois poderes. A cidade, outrora lugar sagrado, profanada. Ela desmorona diante de nossos olhos. E nenhuma saída da nova selva. A certeza me toca o coração. (WOLF 2002: 146)

Diante das ruínas do Palácio, do desmoronamento do poder, da selva que toma conta da metrópole, a sensação é a de pesadelo, de irrealidade, de que tudo foi em vão. Da mesma forma como seu corpo sofreu um colapso, também a cidade está mergulhada no caos.

Em sua descrição do desenvolvimento da doença, a personagem-narradora ressalta a luta dos médicos para identificar a bactéria que a infectou a fim de definir o medicamento que pode salvar sua vida. O que chama a atenção dos médicos é que os mecanismos de defesa da paciente estão extremamente debilitados, tanto que o médico-chefe lhe diz: “Eu gostaria muito de saber o que enfraqueceu tanto assim o seu sistema imunológico.” (WOLF 2002: 125) Com os meios da medicina convencional, não é possível contornar sua baixa imunidade. A narradora percebe a gravidade de seu caso ao ouvir do médico que “o desenvolvimento da doença não justificaria completamente o colapso da minha defesa imunológica” (WOLF 2002: 125). A palavra “colapso” [*Zusammenbruch*] conduz a reflexão sobre os mecanismos de defesa do organismo, e aos poucos a narradora começa a entender sua imunodeficiência ao considerar suas lembranças, seus sentimentos e pensamentos, que se desenvolvem de forma associativa quando está acordada ou imersa em viagens oníricas.

Nesse estágio da luta dramática dos médicos pela sobrevivência da paciente, a narradora começa a associar seu foco infeccioso, imperceptivelmente no início e depois de forma cada vez mais consistente, às mazelas da sociedade, incorporando o desenvolvimento pessoal ao quadro da doença: “A infecção provavelmente aconteceu há muito tempo, o período de décadas de incubação passou e agora, em forma de doença grave, se anuncia a cura.” (WOLF 2002: 93) Essa cura só acontece por meio da rememoração, que conduzirá ao processo de conscientização.

No “mar da inconsciência” em que a personagem ainda se encontra boiando passam, flutuando, “pedaços de lembranças”, que não poderiam ser atraídos nem ajustados (WOLF 2002: 71), tratando-se, portanto, de memória involuntária. Por meio desses fragmentos de lembranças, a narradora percebe que sua crença no progresso da sociedade desapareceu de

Umbach, R. Configurações de história e memória em *Was bleibt* e *Leibhaftig*

forma lenta e segura no passado. Ao contrastar a própria biografia com a de seu amigo de faculdade, Hannes Urban, cuja ascensão na burocracia cultural da RDA o leva a conflitos pessoais e políticos insolúveis, sente que também perdeu a confiança em pessoas que, como ele, se tornaram oportunistas. Reconhece que sua identificação inicial com a ideia do humanismo socialista levou-a a perceber a falência do país como colapso pessoal. Aos poucos, porém, toma consciência de que seu silêncio em relação aos arbítrios do regime tornou-a conivente, falsificando sua linguagem. Como escritora consciente de seu papel na sociedade, porém, é justamente o contrário que deveria movê-la: a tentativa de usar a linguagem de forma autêntica. Essa tomada de consciência torna-se o ponto de superação do conflito interior e, ao mesmo tempo, da doença, uma vez que o tratamento médico obtém sucesso a partir daí.

Em sua complexidade, a obra reflete as dificuldades existenciais relacionadas à superação do colapso, que simbolicamente representa o projeto do socialismo na RDA. Trata-se, assim, de uma narrativa na qual as configurações de história e memória se enredam, formando uma base sobre a qual se concretizam percepções individuais e coletivas da sociedade.

5. Considerações finais

As obras memorialísticas aqui abordadas, *Was bleibt* e *Leibhaftig*, têm narradoras-personagens que veem a escrita como imortalização da memória. Essa memória está relacionada a experiências de repressão e violência, que, na visão das narradoras, não devem ser esquecidas ou apagadas. Assim, para elas, a escrita desempenha um papel relevante na transmissão dessas experiências.

As experiências que estão na base da memória relacionam-se, em ambas as obras, à questão da identidade, tanto a individual quanto a do grupo social. Isso confirma as ideias de Loiva FÉLIX, segundo as quais “a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo” (2004: 40).

A importância do reconhecimento do passado é demonstrada por ambas as narradoras, que se preocupam em registrar situações de repressão a que estiveram submetidas – a espionagem, no caso da narradora de *Was bleibt*, e a perseguição política, no caso da

Umbach, R. Configurações de história e memória em *Was bleibt* e *Leibhaftig*

protagonista de *Leibhaftig* – para que possam ser rememoradas posteriormente. As memórias da repressão constituem, para ambas, outra história, diferente da registrada pela historiografia oficial. “A história”, afirma Loiva FÉLIX (2004: 40), “dessacraliza a memória, constituindo-se tão-somente em representação do passado”.

Em ambas as obras de Christa Wolf, percebe-se a necessidade das respectivas protagonistas de “tratar do acúmulo de experiências antigas” (EMMERICH 2000: 478) relacionadas ao regime político repressor da RDA por meio da configuração de memórias e de acontecimentos históricos. Ao mesmo tempo transparece, tanto em *Was bleibt* como em *Leibhaftig*, a necessidade de reorientação sob o impacto e a pressão inevitável de experiências atuais, advindas do colapso que representou o fim da RDA.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1991.
- ASSMANN, Aleida. *Der lange Schatten der Vergangenheit*. Erinnerungskultur und Geschichtspolitik. München, Beck, 2006.
- ASSMANN, Aleida. *Erinnerungsräume*. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses. München, Beck, 2003.
- BEHAR, Lisa Block de. Os naufrágios da memória. In: *Remate de Males*, 26 (1), 2006, 61-69.
- EMMERICH, Wolfgang. *Kleine Literaturgeschichte der DDR*. Erw. Neuausg. Berlin, Aufbau, 2000.
- FELIX, Loiva. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo, UPF, 2004.
- KOTRE, John. *Weißer Handschuhe*. Wie das Gedächtnis Lebensgeschichten schreibt. München, Hanser, 1996.
- LAUCKNER, Nancy. Christa Wolf's Efforts on Behalf of 'Mündigwerden nach langer Sprachlosigkeit'. In: *Studies in GDR Culture and Society*, 11-12, 1993, 125-142.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. In: *Projeto História*, 30, 2005, 71-98.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de Testemunho: os limites entre a construção e a ficção. In: *Letras*, 16, 1998, 9-37.
- WOLF, Christa. *Auf dem Weg nach Tabou*. Köln, Kiepenheuer & Witsch, 1994.
- WOLF, Christa. *Im Dialog*. Frankfurt a.M., Luchterhand, 1990.
- WOLF, Christa. *Was bleibt*. Frankfurt a.M., Luchterhand, 1990.
- WOLF, Christa. *Kindheitsmuster*. Frankfurt a.M., Luchterhand, 1979.
- WOLF, Christa. *Leibhaftig*. München, Luchterhand, 2002.
- WOLLE, Stefan. *Die heile Welt der Diktatur: Alltag und Herrschaft in der DDR 1971-1989*. Berlin, Links, 1998.

Recebido em 12/10/2010

Aprovado em 28/02/2011